

ARTIGO

“CAUSOS” ITINERANTES

Veridiane Santos Muzzi

Dizem por aí que todo mineiro adora contar “causos” enquanto come pão de queijo quentinho acompanhado de café adoçado com rapadura, como manda a tradição. Como boa mineira que sou, e correndo o Estado desde 2003 junto aos Juizados Especiais Federais Itinerantes, acabei colecionando pérolas que podem surpreender até os mais incrédulos, que se resignam a se esconderem atrás de seus micros e cumprir apenas seu horário de serviço, sem mensurar a expectativa e a realidade da vida dos jurisdicionados que são representados por cada processo ajuizado.

No início é sempre assim: uma enorme carreta atravessa as estradas, cidades e vilas chamando a atenção de todos e anunciando a boa nova, que muitos nem sabem o que é, mas vão conferir e se aglomeram meio ressabiados, perguntando-se o que vai acontecer. Será um circo? Distribuição de cestas básicas? Cadastramento de bolsa-família? E aquela gente agitada montando todo aquele equipamento, organizando papéis, filas e distribuindo senhas para atendimento? Mesmo diante de tantas interrogações, os trabalhos começam e a cada dia surgem novas situações.

Uma vez, na cidade de Araçuaí (MG -Vale do Jequitinhonha), um senhor de aproximadamente 70 anos teimou em dizer ao agente de segurança que no dia do início dos trabalhos levaria seus três filhos para ajudar a descarregar todo o feijão que estava na carreta mandada pelo presidente Lula. A insistência do senhor foi tamanha que o agente abriu a carreta e, como num parque de diversões, maravilhou os olhos do velho, que, apesar da decepção de não ver

sequer um grão de feijão, saiu de lá feliz porque no dia seguinte daria entrada em seu pedido de aposentadoria rural.

Na mesma cidade, uma das jurisdicionadas que requerera o benefício assistencial ao deficiente devido a problemas psiquiátricos, enamorou-se pelo Procurador do INSS que assistia àquela operação



e, todos os dias, religiosamente, sentava-se no meio-fio da rua de modo a ficar de frente para seu amado, toda maquiada, perfumada e emperiquitada com mil colares, pulseiras e anéis, no intuito de flertar com seu pretendido.

Mas nem tudo corre tão bem. Muitas vezes nos deparamos com situações grotescas de fome e graves problemas de saúde em que, somente por um milagre, os jurisdicionados conseguem chegar até nossa equipe. Embora a responsabilidade e o compromisso com a distribuição de lanche sejam da municipalidade, inúmeras vezes tiramos de nosso bolso o dinheiro para sua aquisição, pois as pessoas viajam de 5 a 6 horas para ter a chance de serem atendidos, e muitas vezes apenas ouvidos. Quantas vezes explicamos ao jurisdicionado que a lei não o amparava mas, quando alcançasse a idade ou o número necessário de contribuições ao INSS poderia se aposentar, e o mesmo, apesar de cansado e faminto, agradecia com um sorriso e, em sua simplicidade, convidava-nos a tomar um café em sua casa: “Casa de pobre, viu? Mas faço questão! Chegando no Córrego Vermelho todo mundo me conhece, aí é fácil me achar!”

No município de Diamantina (MG), um dos jurisdicionados, um menino de 11 anos que vivia ligado a uma máquina devido a doença pulmonar grave, de família paupérrima, levou o magistrado às lágrimas ao proferir a sentença procedente para tratamento integral do mesmo pelo SUS. Quando o magistrado perguntou ao menino se o mesmo estava feliz, recebeu como resposta: “Eu já sou feliz, mas agora vou poder tratar para voltar a jogar bola com meus amigos!”

Em Ipatinga (MG - Vale do Aço), fui surpreendida com a simplicidade e naturalidade com que a autora interrompeu o magistrado, que ditava à assessora o depoimento dado, assim: “Pode parar! Eu não falei nada disso! Presta atenção que eu vou repetir para o Sr. entender e anotar direitinho!” Ficamos atônitos sem saber qual seria a reação do magistrado, que viu a ingenuidade da jurisdicionada e a ouviu novamente, com perguntas mais detalhadas, levando-a a ter a certeza de que o Juiz, somente depois do segundo depoimento, entendera os fatos.

Numa outra ocasião, em Januária (MG), fomos surpreendidos por um jurisdicionado que, ao invés de



aguardar a realização de sua perícia médica, despiu-se e começou a correr em volta do local dos trabalhos “como veio ao mundo”, até ser contido por familiares e policiais militares.

No Serro (MG), tivemos o prazer de atender e conceder benefício assistencial a um homem que, durante toda a atermiação e o período em que aguardava sua audiência, relinchava como um cavalo. Ao final da audiência o magistrado questionou se o mesmo entendera o que havia acontecido e se estava feliz. Foi respondido com um alto e prolongado relincho!

Na cidade de Santa Maria do Suaçuí (MG), a equipe cresceu. Magistrados e servidores se afeioaram durante os trabalhos a Henrique, um garoto de 12 anos, órfão, inteligente e esperto que observou toda a atermiação e as audiências e, ao final dos trabalhos, arriscava até alguns prognósticos acerca dos casos analisados.

Em Taiobeiras (MG), além de efetuar brilhantemente o trabalho de apoio e segurança, os agentes tinham uma tarefa a mais: receber as crianças das escolas do município e mostrar a elas a tão misteriosa “carreta que aposentava as pessoas”, antes do começo dos trabalhos diários.

Uma amiga servidora foi surpreendida em Pedra Azul (MG) por uma senhora que se aposentara e, em forma de agradecimento pelo atendimento prestado, queria que a mesma levasse de presente um dos filhotes da última ninhada de sua cadela vira-latas. Além disso, sempre nos são ofertados patos e galinhas vivos, ovos, cachos de banana, quitandas que são devolvidos aos seus doadores mesmo sob protestos, à argumentação de não tratar-se de desfeita, mas de norma da Justiça Federal.

Maior surpresa nos causou uma senhora que, atendida na atermiação

em Janaúba (MG), disse ser analfabeta e que seu maior sonho era saber escrever seu nome. Escutando isto, o analista de informática que acompanhava a equipe entregou à senhora três folhas de papel para rascunho e na primeira delas escreveu o nome da autora em letras de forma garrafais, explicando à mesma que deveria repetir e treinar até conseguir escrever seu nome. Quando voltamos para a realização das audiências, após ter sido aposentada, a senhora procurou pelo analista de informática e mostrou-lhe, com sorriso no rosto, as folhas todas escritas e a cópia da ata de audiência assinada por ela. Naquele momento, o servidor não conseguiu conter suas lágrimas ao perceber o quanto havia mudado a vida daquela senhora, apenas com um ato de boa vontade.

Infundáveis situações acontecem em cada novo trabalho, em cada nova cidade, mas nenhuma delas é mais gratificante quando vemos as lágrimas nos olhos daqueles que haviam perdido a dignidade humana e a

esperança de conseguir o que lhes é de direito.

Pele enrugada, mãos calejadas, rosto queimado pelo sol inclemente; doentes; idosos; sem-terra; desnutridos; sofredos. Esse é o perfil de 90% dos jurisdicionados dos Juizados Especiais Federais Itinerantes. O mesmo perfil que faz a mim e a todos os servidores que se prestam a largar o conforto de seu lar e trabalhar exaustivamente, mas sem tirar o sorriso dos lábios, para ter a certeza de que a missão foi cumprida e que de alguma forma colaboramos para melhorar a vida daquelas pessoas.

No final, voltamos para casa cansados, mas já pensando na próxima cidade, no próximo desafio.

E aí são outros “causos”...

Veridiane Santos Muzzi é servidora da Coordenação dos Juizados Especiais Federais (BH) da Justiça Federal de Primeiro Grau em Minas Gerais.